https://doi.org/10.20336/rbs.1249

As ciências sociais e a questão regional: veredas de um estado da arte

The social sciences and the regional issue: Paths for a state of the art

Las ciencias sociales y la cuestión regional: senderos hacia los últimos avances

Irlys Barreira[*]

RESUMO

O artigo aborda o estado da arte nas reflexões sobre o regional, atentando para a difusão de pesquisas em eventos denominados Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste. Observa a mobilização e difusão de problemáticas de investigação baseadas em análise de processos sociais, pondo em destaque especificidades regionais. Prioriza temáticas, abordagens e repertórios que estiveram presentes nos referidos eventos realizados em cidades nordestinas, no período de 1980 a 1997. Considera que a afirmação e difusão de investigações especializadas, mobilizou teorias e seus enraizamentos por meio de pesquisas, em busca de valorização da "produção regional". Destaca, no final, que um ciclo de busca de canais de visibilidade para a produção de pesquisadores nos encontros de Ciências Sociais Norte/Nordeste cede lugar a uma outra dinâmica no campo do saber, traduzindo novo momento nas formas de fazer pesquisa e mobilizar teorias.

Palavras-chave: regional, pesquisa, estado da arte, ciências sociais.

[*] Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
Professora titular de sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. irlys.firmo@gmail.com

ABSTRACT

This article addresses the state of the art in reflections on regional issues in Brazil, focusing on the dissemination of research at events known as the Northern and Northeastern Social Sciences Conference. It examines the mobilization and dissemination of research issues based on the analysis of social processes, highlighting regional specificities. It prioritizes themes, approaches, and repertoires that were present at these events held in northeastern Brazilian cities between 1980 and 1997. It argues that the affirmation and dissemination of specialized investigations mobilized theories and their theoretical foundations based on research, seeking to valorize "regional academic production." Finally, it points out that a cycle in pursuit of visibility channels for researchers' work at the North/Northeast Social Sciences meetings has given way to a different dynamic in the field of knowledge, marking a new moment in the ways of conducting research and mobilizing theories.

Keywords: regional social issues, social research, state of the art, social sciences.

RESUMEN

Este artículo aborda el estado actual de las reflexiones sobre las cuestiones regionales de Brazil, centrándose en la difusión de investigaciones en los Encuentros de Ciencias Sociales del Norte y Noreste. Analiza la movilización y la difusión de problemáticas de investigación basadas en el análisis de procesos sociales, resaltando las especificidades regionales. Prioriza los temas, enfoques y repertorios presentes en estos eventos celebrados en ciudades del Noreste brasileño entre 1980 y 1997. Se sostiene que la afirmación y difusión de la investigación especializada movilizó teorías y sus fundamentos basados en investigación, buscando valorar la "producción académica regional". Finalmente, subraya que un ciclo de búsqueda de canales de visibilidad para el trabajo de los investigadores en los Encuentros de Ciencias Sociales del Norte y Noreste da paso a otra dinámica en el campo del conocimiento, lo que se traduce en un nuevo momento en las formas de realizar investigación y movilizar teorías.

Palabras clave: cuestiones regionales, investigación, estado del arte, ciencias sociales.

A designação "regional" não diz respeito apenas a uma espacialidade geográfica. Supõe valorações e narrativas construídas de acordo com registros situados em vários campos de atividade social. No contexto das produções culturais, o local pode dizer respeito a expressões marcadas pela singularidade criativa, incluindo-se a música, a literatura, o folclore, as manifestações culturais e estéticas.[1]

Mais que uma nomeação de lugar geográfico, a região subentende ainda uma unidade de referência, tornando o nacional alusivo a uma centralidade. A qualificação regional demarca, nesse sentido, limites e fronteiras, gerando comparações e diferenciações que culminam em classificações e prioridades, tal como pensou Bourdieu (1989), reportando-se aos dilemas da identidade e do reconhecimento. Emergem, nesse sentido, pressupostos de inclusão e exclusão que designam uma disputa pela nomeação legítima dos espaços, pois "as classificações mais 'naturais' apoiam-se em características que nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela classificação legítima" (Bourdieu, 1989, p. 115).

Tomando o Nordeste como referência, a especificação regional abarca sentidos diversos. O viés político pode ser alusivo a percepções de representação, supondo que "falar em nome do Nordeste", a exemplo de campanhas eleitorais, pode remeter a temas sobre as desigualdades sociais, políticas públicas associadas a intervenções governamentais e promessas de benefícios coletivos. O regional incorpora, ainda, "um complexo associado a imagens, afetos e representações construídos de uma estruturação da linguagem do poder: no caso, a linguagem da modernização oligárquica ou neo-patrimonial" (Martins, 1993, p. 7).

A evocação de peculiaridades regionais possui diferentes registros históricos. *O livro do Nordeste*, coletânea organizada por Gilberto Freyre (1925), em edição comemorativa ao primeiro centenário do Diário de Pernambuco, o livro *O Nordeste*, de Gilberto Freyre, editado originalmente em 1937, e o *Outro Nordeste*, escrito por Djacir Menezes (1937), comprovam a tentativa de conferir ao espaço regional nordestino singularidades de natureza social, econômica e política. O Nordeste nasce ainda como

[1] Vários trabalhos de pesquisa sinalizaram a construção de produções artísticas baseadas em identidades regionais (Albuquerque Júnior, 2011; Anjos, 2000; Vieira, 2000 etc.), figurando o Nordeste como um manancial rico de invenções e circuitos interativos.

recurso de uma identidade ameaçada, "uma forma de se defender do espaço industrial e urbano que se desenvolvia notadamente no Sul do país" (Albuquerque Júnior, 2011, p. 80).

Este artigo[2] caminha por uma das veredas específicas de formulação e reflexão sobre o regional. Atenta para a difusão de pesquisas em eventos denominados Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste, caracterizados por mobilizar e difundir problemáticas de investigação baseadas em análise de processos sociais, pondo em destaque especificidades regionais. Prioriza temáticas, abordagens e repertórios que estiveram presentes nos referidos eventos, que se realizaram em diferentes cidades nordestinas, de 1980 a 1997. Interessa, portanto, analisar esse período de afirmação e difusão de investigações especializadas, mobilizando teorias e seus enraizamentos por meio de pesquisas, em busca de valorização da "produção regional".

As questões desenvolvidas neste artigo permitem observar um conjunto de teorizações sobre a vida social não reduzido a um confronto puro de ideias, mas subsidiado em pesquisas, redes de interação e apropriações específicas de intelectuais envolvidos com o desvendamento de processos sociais em curso. Destaca-se ainda o modo como interpretações foram consolidando linhas de pesquisa de programas de pós-graduação e solidificando temáticas com potencialidades de renovação. É nessa perspectiva que se pode dizer que a questão regional, tal como será tratada no artigo, formula uma espécie de teoria vivida e circunstanciada, contribuindo para a análise do pensamento social brasileiro em travessia, mobilizada pela busca de especificidades.

No curso das argumentações do artigo podem ser destacados os seguintes pontos:

- A Pesquisa como "Chão das Teorizações": a produção teórica não surge de um debate abstrato ou mero confronto de ideias, mas sim do trabalho empírico, das redes de interação e das pesquisas vigentes à época;
- Teoria Vivida e Circunstanciada: as interpretações socioantropológicas estão moldadas por contextos específicos, vivências e especificidades regionais, aproximando o debate teórico das práticas sociais;

[2] Os argumentos que fundamentam este artigo foram esboçados inicialmente na coletânea *Além das Fronteiras, Região, Políticas Públicas e Dinâmicas Institucionais* (2000). Um resumo sobre a temática de pesquisa foi publicado mais recentemente na BVPS, coleção Sociologia Política do Nordeste, 004 (2024).

- Diálogo Interdisciplinar: o registro de eventos integra narrativas vindas de múltiplos campos do conhecimento tais como sociologia, antropologia e ciência política;
- Institucionalização e Renovação: as interpretações ajudaram a criar e consolidar linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, permitindo a renovação e diversificação de temáticas;
- Pensamento Social em Movimento: a investigação foi compreendida como um processo dinâmico de construção e desconstrução contínua de ideias formalizadas em eventos acadêmicos.

As teorizações em diálogo com dinâmicas regionais e processos de investigação discutidas a seguir expressam vertentes relevantes do pensamento social brasileiro.

Os eventos acadêmicos como "estado da arte"

A reunião de trabalhos em seminários constitui um formato que integra os acontecimentos periódicos das ciências sociais. Os diversos congressos realizados na área podem ser entendidos como rituais dotados de funções sociais e simbólicas, necessárias à criação e solidificação de práticas de sociabilidade acadêmica, troca de conhecimentos e validação de pertencimentos. É a ocasião em que pesquisas, em curso ou finalizadas, são difundidas por profissionais experientes e, também, por iniciantes. O formato dos eventos inclui geralmente conferências, mesas organizadas com intelectuais mais reconhecidos e grupos de trabalho, dos quais emergem investigações em curso.

Se artigos e livros publicados constituem uma espécie de apresentação acabada e mediada por diferentes formas de consagração, os encontros e seminários são espécies de peças artesanais em construção. Sinalizam problemáticas emergentes, desafios baseados em achados de pesquisa e podem se instituir na ideia de uma feira de artesanato intelectual. Coadunam-se, desse modo, com o princípio de uma mostra de ideias metaforizada na feira de artesanato e livros quase sempre situada em locais próximos às salas de apresentação dos trabalhos.

Os Encontros de Ciências Sociais Norte e Nordeste apresentavam um formato similar ao da ANPOCS, buscando privilegiar a proposta de

intercâmbio entre as produções científicas da região. Apresentavam uma espécie de "estado da arte", entendido como reflexão não acabada e em processo, produzida com base nas pesquisas em andamento, feitas em várias localidades da região. Reuniam um repertório dotado de trânsitos entre formulações teóricas e empíricas, suscitando questões debatidas na circunstância específica dos eventos. Faziam interagir profissionais, dentro e fora da região, manifestando o desejo de um diálogo "entre pares", performando a troca de conhecimentos entre intelectuais especializados nas áreas de sociologia, antropologia e política.

Precediam aos eventos discussões para definição da temática geral, elaboração de um projeto de financiamento para instituições de pesquisa e busca de apoio das universidades locais. Os anais, em etapa posterior, eram transformados em publicações de coletâneas, a partir das quais temáticas convergentes eram agrupadas em partes e segmentos.

O conjunto dos trabalhos apresentados nesses eventos e registrados por meio de publicações (coletâneas e/ou anais) compõe um acervo importante de pesquisas que atesta um microcosmo do estado da arte na área de ciências sociais. Este é caracterizado pelo modo de fazer pesquisa, recortar objetos, mobilizar teorias e contribuir para a construção do campo das ciências sociais em diferentes localidades.

Ressalte-se que os eventos ocorreram no momento em que eram criados e idealizados programas de pós-graduação na região. Os seminários ficaram inicialmente circunscritos a localidades nas quais os cursos de pós-graduação estavam mais estruturados, perfazendo circuitos variados com pesquisadores convidados do Centro-Sul, sobretudo aqueles que haviam realizado, ou estavam realizando, pesquisas na região Nordeste. A inexistência de cursos de doutorado no Nordeste, na década de 1980, promoveu circulações e intercâmbios de pesquisadores e pesquisas provenientes de diferentes localidades do país.

Na condição de professora visitante da UFCG (1978-1980) e colaboradora na organização de seminários e eventos, pude acompanhar discussões sobre a necessidade de "tornar mais visível o que era produzido no Nordeste". Nesse sentido, participei de reflexões de ordem teórica e metodológica baseadas em problemáticas e modos de conduzir a pesquisa, em diálogo com as teorias vigentes na área de ciências sociais.

Denota-se que um dos objetivos principais dos seminários itinerantes era conferir visibilidade a investigações localizadas em estados do Nordeste do país, considerando que a amplitude de eventos, a exemplo da Anpocs, não permitia acolher de forma extensiva o que era pesquisado regionalmente. Congregar investigações dispersas e localizadas foi assumido como investimento intelectual importante para o reconhecimento de pesquisadores e programas de pós-graduação em processos de criação ou consolidação. Os eventos tratados neste artigo constituíram janelas importantes para identificar uma espécie de "estado da arte" nas ciências sociais em busca de conexões teóricas e empíricas voltadas para a chamada *questão regional*.

A perspectiva regional das ciências sociais não pode ser pensada sem levar em conta o exame de pesquisas e pesquisadores inseridos em diferentes instituições e programas de pós-graduação, com suas preferências temáticas e enfoques de pesquisas. Destaca-se a existência de um segmento de profissionais movidos por interesses e demandas de pesquisa vindas de diferentes fontes. Em artigo sobre a importância dos programas de pós-graduação no Nordeste para a construção do campo da sociologia no Brasil, constatamos a presença pouco documentada de iniciativas e pesquisas que foram instituindo redes de comunicação no país. (Barreira, Côrtes & Lima, 2018). No exame de práticas que precederam a construção da pós-graduação no Brasil, percebemos a descentralização de uma produção sociológica que ocorria fora do eixo Rio-São Paulo, observando a expansão regional de iniciativas de pesquisas e financiamentos vigentes na década de 1970. Com base nos registros, enfatizamos o papel das experiências regionais na construção de temáticas de pesquisa e suas contribuições instituintes de um campo acadêmico.

Os Encontros de Ciências Sociais Norte e Nordeste podem acrescentar alguns elementos de contributo para pensar a construção de um campo de conhecimento, dando visibilidade a elementos significativos de um recorte acadêmico com inúmeras problemáticas. Destacam-se algumas: o impacto de modernizações tecnológicas sobre o trabalho, a emergência de movimentos sociais, a redefinição do papel do Estado e as distintas agências da vida social, entre outras questões. Trata-se de pensar na mobilização e emergência de repertórios que foram se edificando na procura de instituir um mapa de questões sintonizadas com uma sociologia em movimento.

Repertórios em busca do "regional"

O primeiro Encontro de Ciências Sociais, realizado em João Pessoa, em 1985, com o tema sugestivo "Movimentos sociais – para além da dicotomia rural/urbano", teve a pretensão de organizar perspectivas analíticas e olhares convergentes, questionando a divisão feita a partir de dois registros, o "mundo rural" e o "mundo urbano". Era preciso romper com abordagens sobre temáticas tratadas usualmente com base em espacialidades e subdivisões do conhecimento.

A tentativa de integrar, do ponto de vista teórico, o que na vida cotidiana já explicitava interrelações recorrentes demonstrava o desejo de romper as divisões convencionais entre a sociologia rural e a sociologia urbana. As discussões sobre a "questão agrária", difundidas nos programas de pós-graduação, lançavam, naquele momento, o desafio de pensar o rural e o urbano para além das classificações disciplinares convencionais. O agronegócio e as exportações já sugeriam um embaralhamento de fronteiras. Por outro lado, os movimentos sociais, com suas demandas de políticas públicas mais abrangentes, apontavam liames entre o campo e a cidade, notadamente por meio de interlocutores institucionais, entre os quais se incluía o Estado.

As conexões entre as categorias "trabalho" e "poder" induziram um outro conjunto de inquietações, por meio das quais foi tratada a ruptura com a dicotomia rural/urbano, dando origem ao segundo Encontro de Ciências Sociais, realizado em Fortaleza, em 1986. O evento, intitulado "Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências", traduziu o desejo de pensar problemáticas sociológicas não mais setorializadas por uma dicotomia, mas no âmbito da circularidade, incorporando a mobilidade das trocas sociais. Várias das intervenções expressas no evento ressaltaram as práticas de poder em esfera ampla, observando irradiações e mudanças nas relações de trabalho, observadas em situações que incluíam tanto o campo como a cidade. O poder, não apenas corporificado no Estado e nas políticas públicas, era também mediado por inovações tecnológicas. As interações foram tratadas em sua capacidade de modificar as formas de trabalho, percebidas como atuantes nas relações entre classes e grupos sociais.

A proposta do evento, registrada em livro contendo o conjunto dos trabalhos apresentados no segundo Encontro de Ciências Sociais, ilustra o horizonte analítico do evento:

> A ideia de constituir o seminário em torno de uma temática voltada para a compreensão das relações de trabalho e relações de poder fundamenta-se na busca de uma maior reflexão sobre as transformações que vêm ocorrendo na região Nordeste. Trata-se, de um lado, de perspectivas descontínuas que apontam rupturas em antigas práticas, ou contínuas, nas quais os aspectos permanentes estão mais evidenciados (UFC, 1986, p. 5).

Observando-se as instâncias do chamado mundo do trabalho e das formas de poder associadas a políticas públicas, foram registradas e analisadas as alterações ou permanências de processos. Um complexo de interseções iluminou os debates: as relações fabris, as trocas camponesas e as práticas que reafirmavam formas emergentes de dominação disseminadas por oligarquias rurais e urbanas.[3] Muitos dos trabalhos apresentados e discussões posteriores evidenciaram processos de recriação de formas de dominação, destacando assim um embaralhamento de fronteiras espaciais e temporais.

O terceiro encontro, intitulado "Nordeste, o que há de novo?", realizado em Natal, em 1988, traduziu mais amplamente o desejo de tratar mudanças em diferentes espaços da vida social. Foram veiculadas considerações sobre a complexidade regional, tendo por base processos que circundavam acontecimentos sociais, novos e antigos. Temáticas associadas à chamada modernização conservadora, à emergência de um novo segmento operário terceirizado e à reestruturação de formas de produção se fizeram presentes em mesas e grupos de trabalho. Outras questões movimentaram os debates, configurando uma ampliação de temas e modos de abordagem que incluíram comportamentos coletivos, valores, ideologias e família. As relações de gênero passaram a moldar mais fortemente as discussões vigentes em diferentes setores e contextos da vida social, exemplificando a importância de tecer a problemática das diferenças de forma não restrita aos chamados "estudos de gênero".

Não passa despercebido o fato de que a palavra "novo", já sugerida no título do evento, operou como espécie de significante com muitas reverberações. O adjetivo foi empregado com frequência em muitos dos títulos dos trabalhos, em busca de identificar processos sociais emergentes e modos analíticos de tratá-los. Variáveis associadas ao cotidiano e ao âmbito das representações

[3] Ver, a esse respeito, Potengy (1986).

sociais e culturais permitiram registrar protagonismos e visões de mundo, acenando para circuitos entre diferentes espaços da vida social.

No fluxo das preocupações com processos sociais e caminhos explicativos, emergiu o quarto seminário, realizado em Salvador, em 1989, intitulado "Classes sociais, poder e Estado". Na ocasião, foi analisado o contraponto entre modelos clássicos de interpretação sociológica e pesquisas empíricas, enfocando as desigualdades sociais em situações diferenciadas, com políticas públicas mediadas pelo Estado.

A variedade de exemplos, com práticas que não se enquadravam em teorias clássicas mais convencionais, constituiu um dos vetores das discussões feitas em mesas e grupos de trabalho. O conceito de classe social, tal como estava posto nas teorizações clássicas, sobretudo em abordagens marxistas e estruturais, daria conta de incluir trabalhadores migrantes ou uma classe média emergente? Tratava-se de pensar na adoção de conceitos face a mudanças que exigem mediações entre a pesquisa e a apropriação de categorias analíticas como ferramentas.

Na mesma tentativa de sintonia, impunha-se uma interrogação sobre a abrangência das teorias do poder. A racionalidade de ações instrumentais explicava algumas assimetrias locais baseadas na convivência entre formas convencionais de mando e tecnologias inovadoras? Esses enquadramentos enigmáticos desencadearam discussões em vários momentos de apresentação dos textos, tanto em mesas como em grupos de trabalho. Mobilizaram questões cujos desdobramentos incidiam em problemáticas presentes nos cursos de pós-graduação, notadamente aqueles voltados para o ensino da "teoria sociológica".

O quinto encontro, realizado em Recife, em 1991, recebeu o título de "Modernidade e pobreza". A simultaneidade de situações anteriormente consideradas paradoxais repôs a questão da convivência de experiências aparentemente contraditórias, registradas no mesmo tempo e espaço social. Temas diversificados, enfocados em múltiplos aspectos, sob o manto da ideia de modernidade, permitiam reposicionar recortes de pesquisa já consagrados nas discussões. Sim, era possível pensar sobre as desigualdades sociais no trabalho e nas relações sociais, em uma configuração em que o "atrasado" e o "moderno" aportavam juntos e sem impedimentos.

Observa-se no decurso dos eventos que os enfoques temáticos, característicos dos primeiros seminários, cederam lugar a uma preocupação

mais abrangente. O estudo de processos sociais regionais passou a ser tratado sob o prisma de uma dinâmica mais ampla. Outras modelagens analíticas foram incorporadas ao cenário das discussões, tornando pouco operativa a separação entre determinados domínios temáticos no interior das pesquisas. Dimensões consideradas mais tipicamente regionais cederam lugar a formulações de teor mais amplo, direcionando o olhar para o tema do cenário nacional.

Essa perspectiva se apresentou no sexto Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste, intitulado "Novos paradigmas e realidade brasileira", realizado em Belém, em 1993. No cerne das considerações, a questão nacional foi pensada como foco principal de análise, retomando também temas regionais e abordando, simultaneamente, ideias concernentes ao mundo urbano em expansão. Os assuntos vinculados à cultura, à produção de imagens e à violência foram se configurando teórica e empiricamente nas pesquisas, habitando também espaços de reflexão adjacentes. Um certo deslocamento do eixo das discussões, sem a primazia de recortes espacializados, uniformizou problemáticas amplas. Evidencia-se, nesse momento, não tanto uma "região-problema" a ser desvendada, mas um país sob as vicissitudes do mundo globalizado, com seus paradoxos provenientes de um percurso vigente em circuito mundial.

O ciclo de rotatividade foi reiniciado no sétimo encontro de Ciências Sociais, realizado em João Pessoa, em 1995, intitulado "Cultura, política e trabalho". Trata-se de um reinício com característica distinta do momento anterior. Recortes antigos de pesquisa absorveram conceitos em voga à época, entre os quais podem ser destacados: o imaginário, a interdisciplinaridade, a identidade e a diferença. Na realidade, a tentativa de agrupar propostas de apresentação de trabalhos segundo eixos temáticos visava, principalmente, compor uma certa unidade, condição obtida sobretudo na definição de mesas redondas.[4]

No âmbito de um segundo rodízio de seminários, o encontro realizado em Fortaleza, em 1997, com o título "Modos de pensar o social - espaço, tempo e imagem", seguiu o caminho da procura de reflexões mais abrangentes. Dessa feita, capazes de diluir as fronteiras entre áreas convencionais das ciências

[4] Durante a organização do Encontro de João Pessoa, as discussões sobre a manutenção de um nome temático para o evento, ou sua retirada seguindo a lógica do modelo da Anpocs, já revelavam as dificuldades de agregação da diversidade que caracterizava o conjunto das apresentações propostas por muitos pesquisadores.

sociais, incluindo outros campos do saber. Buscava-se, nesse momento, arejamentos teóricos não circunscritos a problemáticas consideradas típicas da região. Foram destacados diferentes modos de como pensamos a sociedade em recortes temporais e espaciais. Uma das mesas com o mesmo título do evento discutiu diferentes concepções de tempo presentes nas teorizações sobre a vida social, construindo diálogos entre a física, a filosofia e demais ciências sociais. A noção de "paradigmas do conhecimento", ou o que se convencionou ser nomeado de "crise dos paradigmas", estava em evidência nas ciências sociais e incorporava incursões epistemológicas sobre modos de pensar e viver em sociedade, segundo diferentes temporalidades. Articulações entre abordagens micro e macro, reflexões sobre o cotidiano e o extraordinário, liames entre os conceitos de experiência e estrutura no âmbito de um marxismo renovado se faziam presentes nas discussões, repondo a regionalidade em outros parâmetros.

A caracterização rápida dos diferentes Encontros de Ciências Sociais Norte e Nordeste atesta, de maneira exclusiva, modos de operar a chamada "questão regional". Expõe enfoques provenientes de múltiplas variáveis, entre as quais se incluem influências teóricas nacionais e internacionais provenientes da circulação de ideias. Importa evidenciar ainda políticas de fomento vindas de fontes financiadoras da pesquisa (Finep, Fundação Ford, CNPq) por exemplo, junto a práticas acadêmicas de avaliação adotadas pela Capes que desempenharam papel relevante na construção e execução dos eventos tratados.

Especificidades e mediações: as texturas do regional

As ciências sociais, como um campo de conhecimento, estão associadas tradicionalmente a um tempo e espaço de referência. Não custa lembrar que os fundamentos da reflexão sociológica, em seus primórdios, estiveram conectados aos temas da migração, relações de produção, conflitos entre classes sociais, crescimento das cidades, mudança nas relações sociais e alterações nos valores e costumes. Desse modo, as reflexões de ordem teórica, que parecem desvinculadas de um contexto imediato, fundamentam-se em um *locus* de observação, garantindo subsídios a comparações e formulações mais abstratas correspondentes a teorias. Na direção de um suporte empírico,

é importante evocar Geertz (1989), quando tratou a pesquisa em sua conformidade etnográfica, ou Wright Mills (1969), ao ressaltar a importância do artesanato local na construção do conhecimento.

Os recortes analíticos e suas contribuições para o que poderia ser nomeado de "dinâmica regional das ciências sociais" destacaram a problemática da especificidade das práticas sociais, com um dos supostos para tratar o tema da relação entre o teórico e o empírico. Especificidades e mediações foram designações que integraram o modo de tratar a teoria e a pesquisa como partes da produção do chamado "conhecimento regional". Um dos balizadores das discussões, presentes nos vários encontros de ciências sociais aqui referidos, supunha que determinados processos sociais ocorriam de forma diferenciada dos modelos clássicos, destacando singularidades que deveriam ser analisadas com base na observação empírica.

Ressalte-se que parte significativa das reflexões associadas às temáticas das especificidades e mediações teve fortes raízes em pesquisas iniciadas na década de 1970 por um grupo de pós-graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, sobre trabalhadores rurais e camponeses no Nordeste. O projeto "Emprego e Mudanças Socioeconômicas no Nordeste" (1975-1977)[5] permitiu a elaboração de análises sobre áreas rurais e urbanas, dialogando, através da pesquisa, com arcabouços teóricos clássicos. As situações examinadas a partir da *plantation* nordestina atestavam peculiares caminhos de reprodução e subordinação. A especificidade camponesa era afirmada tanto em suas formas tradicionais como nas expressões modificadas e atestadas nas situações concretas pesquisadas. Os estudos etnográficos mostravam a separação entre produção e consumo não submetidos ao cálculo monetário, rompendo ainda com a perspectiva economicista e reconhecendo o potencial político da reforma agrária segundo a lógica de seus beneficiados.[6]

---

[5] O grupo de pesquisadores reunidos em torno dos antropólogos Moacir Palmeira e Lygia Sigaud, integraram o projeto denominado "Emprego e Mudanças Socioeconômica no Nordeste" (1975-1977). São eles: Afrânio Raul Garcia Jr., José Sergio Leite Lopes, Luiz Antonio Machado, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Neide Esterci, Beatriz Heredia, Regina Novaes, Leilah Landim Assumpção, Marie France Garcia, Maria Rosilene Barbosa Alvim, Eliane Cantarino O'Dwyer, Laís Mourão Sá, Amélia Rosa Barreto Teixeira, Dóris Rinaldi Meyer, Jorge Eduardo Saavedra Durão, Roberto Ringuelet e Maria Cristina Melo Marin.

[6] Para uma análise e apresentação das pesquisas realizadas sobre trabalhadores rurais e camponeses no Nordeste, por pesquisadores do Museu Nacional, ver Carvalho (2024).

As problemáticas sociológicas que atravessaram os congressos mencionados chamavam atenção para a necessidade de observação de processos sociais que ocorriam de forma diferenciada. O debate sobre a reforma agrária, por exemplo, ostentava a necessidade de uma retomada mais ampla do tema, tendo em vista mapear situações diferenciadas. Cavalcanti (1986), em artigo de abertura do segundo volume dos Anais do seminário Relações de Trabalho e Relações de Poder, realizado em Fortaleza, atenta para a "necessidade de utilização de instrumentos teóricos e metodológicos que expliquem as especificidades e as formas múltiplas sob as quais se apresentam a realidade da sociedade e da problemática agrária que se quer investigar" (p. 1). Se essa demanda não é prerrogativa de pesquisadores do Nordeste, supondo-se que o assunto guarda significações amplas e não circunscritas apenas ao âmbito regional, as exposições de pesquisa destacavam a necessidade de pensar situações de exploração da terra e do trabalho em sua extensão e variedade. A demanda por investigações comparativas interpelou pesquisadores nucleados em torno dessa problemática, agregando pesquisas menos conhecidas que poderiam fazer acréscimos a outras efetivadas no circuito nacional. E não por acaso. Na medida em que "sul e sudeste" se apresentavam aparentemente próximos a modelos conceituais baseados em relações de trabalho mais explicitamente capitalistas, outras atividades marcadas por combinações diferenciadas de tempo e contrato provocavam a construção de outra modelagem. Buscavam-se alternativas às formulações clássicas.

Trata-se, nesse sentido, de um momento caracterizado por retomadas da teoria. A título de exemplo, na mesa que se propôs a discutir a teoria e a história a partir das categorias trabalho e poder, Lopes (1986) analisou a persistência de uma forma de dominação acionada por meio do recrutamento de força de trabalho. As entrevistas feitas pelo pesquisador, durante o período 1976-1977, mostraram a importância da identidade social de trabalhadores e do processo de aliciamento de grupos sociais e familiares inteiros, criando um mercado de trabalho que articulava dominação no estilo fábrica *versus* vila operária.

As chamadas para a articulação entre teoria e empiria provocavam também incursões referentes aos liames a serem estabelecidos entre a economia e a política. O reforço à especificidade trouxe como consequência o questionamento de construções teóricas abrangentes, que pensavam o país a

partir de seu polo hegemônico, desconsiderando singularidades observáveis no âmbito das diferentes regiões. As peculiaridades apontavam, nesse sentido, formas variadas de trabalho, de sistemas de dominação política e modos de vida. Ao lado da terra, os monopólios da água expressavam também outras vertentes e modos de apropriação (Albuquerque Júnior, 1988).

As problemáticas tratadas como expressão de singularidades regionais merecem, entretanto, ser observadas a partir de seu patrimônio explicativo, que não tem só características locais. O uso de teorias e conceitos em circuitos amplos de divulgação teve influência marcante nas ciências sociais tanto no Nordeste quanto no restante do país.

Reconhecendo o tipo de virada nas ciências sociais na passagem dos anos 1970 a 1980, que se fez acompanhar de uma nacionalização ou internacionalização do conhecimento, Palmeira (2000) apontou ressalvas a serem consideradas no caminho da incorporação de "novidades" e seus efeitos na construção de recursos explicativos. Reafirmando a prioridade da pesquisa como base explicativa para os fenômenos sociais, referiu-se o antropólogo à necessidade da não antecipação de generalizações indutoras de naturalização e sacralização de modelos atribuídos a diferentes regiões. A existência de facções políticas no Rio Grande do Sul, supostamente modernizado, ao mesmo tempo que o surgimento de uma classe média sólida no Ceará, exemplificavam, segundo suas ponderações, enigmas a serem objetos de reflexão. Enigmas que não deveriam prescindir de esquemas explicativos antigos que reivindicavam o peso do regional nas práticas sociais. Prosseguindo no argumento Palmeira pergunta se não devíamos pensar cientificamente sobre o efeito região, antes de descartar virtualidades explicativas que ainda não se esgotaram. Conclui sua formulação, referindo-se à relatividade do conhecimento, que não deve ser substituída pela apologia ao novo. Nesse contexto discursivo, Palmeira chama atenção para não desprezar análises que portaram um patrimônio de questões indutoras de experiências acumuladas de pesquisa.

Discussões desse teor lançaram luzes na temática das chamadas especificidades, sem pensá-las a partir de um reduto espacial ou temporal. A existência de processos sociais similares em outras localidades romperia assim com a ideia de resíduo, ou com as oposições entre o que estaria do lado das práticas mais visíveis e o que ocorreria no plano das "distorções". Vale a pena reproduzir um dos trechos do argumento de Palmeira:

> O ponto a que estou querendo chegar é o seguinte: houve uma transformação sensível, e as pessoas perceberam essa transformação. Mas eu não vi a explicação disso ser cobrada do velho "esquemão"; isto é, estamos armando esquemas novos de explicação, sem ter cobrado ou pedido contas aos "antigos". Até onde foi esgotada a capacidade explicativa desses esquemas "regionais"? Pergunto-me se não estamos descartando concepções sobre região que se consolidaram ao longo do tempo, sem antes submetê-las a um processo de reflexão e, pensando mais longe, se não estamos deixando de nos perguntar sobre os efeitos desejáveis e indesejáveis que uma certa maneira de recortar o Nordeste impõe aos nossos novos voos do presente (Palmeira, 2000, p. 21).

Como se observa, o argumento chama atenção para a virtualidade de pensar sobre o "efeito região", na construção de pesquisas, numa formulação bourdieusiana, recorrendo-se a explicações mediadas por categorias teóricas e percepções nativas. No âmbito do reforço à compreensão das especificidades, Palmeira (1991) já havia tematizado, no quarto Encontro de Ciências Sociais Norte Nordeste, realizado em Salvador, as dificuldades de pensar a política puramente a partir de características objetivas que impediriam a observação da variedade de padrões de comportamento, reduzindo a explicação dos fatos a terminologias "mágicas". O sufixo ismo – utilizado para referir-se ao clientelismo e suas variações no cartorialismo, corporativismo, escolhidos de maneira normativa e de acordo com a retórica política do momento – impediria o registro das especificidades sob a lógica de uma versão normativa. As especificidades, nesse sentido, não deveriam supor um desvio da teoria, mas um repensar sobre seus desdobramentos e necessidade de diálogo permanente com a pesquisa comparada.

O combinado de questões exigia, se não rupturas, modos de encarar as diferenças. A crítica ao dualismo na forma de observar um Nordeste arcaico face ao Sul capitalizado apareceu ainda como um ponto importante de reforço simultâneo às especificidades. Trata-se da tentativa de compreender o território nacional em sua totalidade, pensando o regional em uma ressonância mais complexa e capaz de detectar processos de unidade e diversidade.

As formulações teóricas de Francisco de Oliveira, explicitadas no artigo "Crítica da Razão Dualista" (1972), retomadas no livro *Elegia para uma Re(li)gião* (1977), constituíram um outro arcabouço que subsidiou essa questão.

O autor, amparado nas construções analíticas de um marxismo renovado, transformou o enfoque dos "desequilíbrios regionais", incorporando o planejamento como parte da divisão regional do trabalho no Brasil. O princípio do "desenvolvimento desigual e combinado" permitiria analisar, de outra forma, o que poderia ser visto como atrasado e/ou fora do circuito de explicações mais estruturadas. Nesse momento, era valorizada uma análise sobre a especificidade de processos sociais e políticos face a modelos explicativos que não deveriam funcionar de modo determinista, sobretudo quando se tinha a pretensão de explicar formas renovadas de poder ou trabalho na região Nordeste.

As mediações constituíram outro foco analítico importante, chamando atenção para o papel do Estado como intermediário de projetos governamentais em relações estabelecidas com os sindicatos de trabalhadores (Barreira, 1988). Outras formulações dinamizaram o pensamento sociológico brasileiro, também influenciado por teorias sobre o social provenientes da Europa. O tema da modernidade, que apareceu no encontro de 1991, promoveu ainda debates de natureza política e filosófica, redefinindo contornos para pensar texturas contraditórias de convivência social. Autores como Foucault, Bourdieu, Castoriadis e Habermas foram apropriados nas discussões, introduzindo referências para o questionamento de um marxismo considerado distante das emergências provenientes de processos sociais em curso.

Dinamizando o campo da sociologia

É importante destacar que dois projetos de pesquisa intitulados *Mudanças nas relações de trabalho* e *Poder, Estado e movimentos sociais* foram espaços fortemente catalizadores de produção das ciências sociais no Nordeste, nos anos 1980 e 1990.[7] Teses, artigos e apresentação de pesquisas em andamento podem ser considerados frutos de uma rede de comunicação regional que também se expandiu em diferentes seminários ocorridos em várias partes do país. Os eventos nacionais, a exemplo da Anpocs, e as teses de doutorado realizadas no Centro-Sul acolheram parte

[7] Refiro-me a projetos subsidiados pela Sudene e pela Finep, envolvendo rede de pesquisadores do Nordeste e outras regiões do Brasil.

significativa dessa produção, gestada inicialmente nos vários encontros regionais. É notório observar que esses percursos temáticos tiveram outros enraizamentos, mobilizando efeitos institucionais. A criação e desenvolvimento de linhas de pesquisa vigentes em vários programas de pós-graduação do Nordeste tiveram por base a circulação de ideias gestadas nos referidos encontros de ciências sociais. As linhas de pesquisa ajudaram a congregar a diversidade temática, organizando, a partir de categorias amplas, as diferentes experiências de pesquisa.

No momento em que a interdisciplinaridade não se punha de modo evidente como estratégia metodológica de pesquisa, a transversalidade de problemas aparecia como requisito decorrente de investigações trabalhadas com recursos da antropologia, sociologia e ciência política. Importa mencionar que, embora os cursos de pós-graduação tenham, a partir de 1980, se especializado segundo as áreas de conhecimento, a multiplicidade de interesses temáticos, agregados em linhas de pesquisa, continha uma bagagem de interdisciplinaridade ressaltada na experiência partilhada e importância atribuída à pesquisa (Lima & Côrtes, 2013).

O Nordeste, como uma espécie de enigma a ser decifrado, serviu de referência a inúmeras investigações, congregando pesquisadores da região e demais estudiosos envolvidos em um "saber acumulado" sobre diferentes contextos produtivos (cana, algodão), por exemplo, direcionando preferências temáticas e influenciando a criação de equipes de pesquisa. Preocupados em qualificar o caráter reflexivo das interpretações do Nordeste, considerando o papel que possuem para a inteligibilidade do mundo social, Botelho e Pimentel (2023) referem-se à construção e apropriações de repertórios e gramáticas intelectuais e políticas, a exemplo da inteligibilidade das noções de "injustiça" diante de situações como seca, fome e formas de exploração do trabalho.

Ressalte-se que, gradativamente, os padrões de investigação referentes a escolhas e abordagens temáticas adquirem uma uniformização com reflexos diretos no modo de tratar os interesses de pesquisa. Observa-se, nesse sentido, que a temática dos movimentos sociais e Estado e as reflexões sobre as Políticas Públicas absorveram grande parte dos trabalhos de pesquisa, em consonância com discussões similares vigentes em todo o país. Nesse sentido, considera-se que a consolidação gradativa das ciências sociais, a ênfase na pesquisa comparativa incentivada pelas instituições de fomento

à pesquisa e o intercâmbio permanente entre pesquisadores nacionais e internacionais convergiram para a construção de uma espécie de "mercado nacional de problemáticas".

Aqui é possível refletir sobre os efeitos dessa mudança de enfoque na forma de definir ou redefinir objetos de investigação, apontando uma "redescoberta" da região em sua face contemporânea. A título de exemplo, passou-se a discutir a violência não somente fundamentada nas práticas tradicionais de mando, mas travestida em formas cotidianas similares às existentes nas grandes metrópoles. Também se evidenciaram os modos de desenvolvimento tecnológico que alteram as relações de trabalho e as formas de intervenção estatal por meio de políticas públicas: a chamada "modernização" da política, que posicionou o Estado na condição de mediador. Enfim, os processos sociais e suas articulações amplas *desregionalizaram* o olhar, posteriormente voltado para um duplo movimento de ampliação e captura de especificidades locais. Isso implicou mudanças nos modos de elaborar o espaço e o tempo, pois o princípio da existência de processos sociais convergentes e a recorrência de fatos que aconteciam em diferentes localidades do país davam uma outra dimensão às pesquisas. Determinados temas já eram caracterizados de modo transversal. A presença de movimentos sociais e processos de mudança, em várias atividades produtivas, incluindo de forma recorrente o tema do trabalho, ensejavam uma visita às teorizações.

Um outro elemento importante foi se revelando ao longo do tempo, qual seja, a reequipagem de programas de pós-graduação voltados para conquistar um caminho de credibilidade compatível com as novas exigências institucionais das agências de avaliação. A construção de um modelo padronizado de cursos de pós-graduação certamente influenciou a prioridade de temas de investigação com capacidade de estabelecer diálogos com outros programas. Nesse espaço, as temáticas regionais convencionais encontraram pontos de ancoramento, sobretudo se pensamos que temas como a seca, relações de trabalho e formas de sociabilidade permaneceram como temáticas passíveis de inquietação, acompanhadas de estratégias de pesquisa vigentes ao longo do tempo.

A demanda por investigações voltadas para a execução de políticas de desenvolvimento regional também constituiu um outro foco de preocupações que consolidou uma importante fatia das pesquisas efetivadas sob encomenda. Os incentivos à pesquisa financiada passaram

a atuar mais fortemente em segmentos sociais considerados "vulneráveis": a violência, o desemprego, a marginalidade urbana, a droga e os "meninos de rua". Surgiram, nessa direção, novas áreas de investigação e absorção da pesquisa. Esta realizada seja por meio de demandas oriundas de instituições acadêmicas, órgãos de intervenção regional ou instituições destinadas a promover assessorias políticas.

Os dados apresentados nos encontros regionais de Ciências Sociais apontaram um dos afluentes da construção e difusão do conhecimento em um campo do saber. Referem-se a uma produção não só restrita aos pesquisadores mais experientes, mas extensiva a inúmeros trabalhos de dissertação que funcionaram como pesquisas de garimpo: mapeamentos iniciais de processos ainda não sistematizados. Esses registros recobriram uma gama de preocupações voltadas para processos sociais vigentes no bairro, na cidade, no sertão, no litoral. Outras vertentes voltaram-se para as formas coletivas e políticas de organização, dirigindo-se posteriormente para a discussão das dimensões culturais, sob diferentes nomeações: cultura, imaginário, representações.

Observe-se que a perspectiva da região como lugar de problemas sociais condicionou fortemente a produção das ciências sociais dos anos 1980, sinalizando, de um lado, a ideia da "ciência comprometida" e, de outro, a demanda de instituições locais por respostas a serem produzidas por cientistas no sentido de resolver problemas considerados estruturais. A centralização cada vez maior das instituições acadêmicas, com suas regras de avaliação explícitas, reforçou um "estilo de produzir" que se pretendia equalizado para todos os pesquisadores do país. As conexões entre o objeto de pesquisa e o contexto nacional, ou a intensa comunicação entre pesquisadores de diferentes regiões, direcionam outros recortes analíticos e modos de pesquisar que tentam romper as fronteiras de uma possível "pesquisa regional", nem sempre bem-vista pelas instituições de avaliação.[8]

A busca de canais de visibilidade para a produção de pesquisadores nos encontros de Ciências Sociais Norte e Nordeste cede lugar a uma outra configuração, em que o circuito das discussões e práticas de pesquisa reflete uma outra dinâmica no campo do saber. Talvez a pergunta "Nordeste, o que

[8] Nesse sentido, recordo a discussão sobre o caráter "regional" atribuído a dissertações com títulos que sugeriam estudos de caso. O local do objeto pesquisado classificava a pesquisa de alcance circunscrito ao objeto analisado. Títulos mais amplos passaram a ser valorizados como avaliação do impacto analítico.

há de novo?" sugerida em um dos Encontros de Ciências Sociais, possa ser estendida em contexto mais amplo, traduzindo outro momento nas formas de fazer pesquisa e mobilizar teorias.

O regional e a internacionalização

Importa ainda destacar a constituição de um espaço transnacional de produção do conhecimento sociológico. Este demandando um conhecimento capaz de refletir sobre as condições históricas, institucionais e acadêmicas que cerceiam a comunicação entre uma espacialidade sociológica transnacional e as diferentes sociologias nacionais (Martins, 2018).

A atual configuração de um espaço transnacional ensejou a emergência necessária de novas abordagens ou conceitos para explicar contextos não ocidentais. O local, como portador de determinações mais amplas, seria o ponto de movimento entre micro e macrossociológico. Implicaria uma análise do espaço social e suas dimensões estruturais invariantes (Bin, 2018).

Algumas características podem sinalizar o atual momento, por exemplo:

- ênfase nas pesquisas financiadas por agências científicas que valorizam a internacionalização do conhecimento.
- existência de redes de pesquisa e tecnologia da informação, produzindo fluxo permanente entre temas similares investigados em diferentes localidades.
- intenso intercâmbio de pesquisadores nacionais e internacionais, incrementando a circulação e consequente aumento do fluxo de trocas intelectuais.

As formas de pesquisar e os recortes temáticos são também vulneráveis às abordagens em vigor. Se uma onda temática surgiu nas discussões sobre identidade, subjetividade, cultura e imaginário, atualmente os temas do racismo, da identidade de gênero e os incentivos a uma abordagem decolonial produzem efeitos sobre o que se apresentava como configurações regionais do conhecimento. É possível dizer que, atualmente, as articulações entre o regional e o nacional estão para além de dicotomias; ou seja, mais voltadas para o sentido de complexidade,

sem desconsiderar o patrimônio construído pelas pesquisas. As críticas ao chamado "sudestismo", fundadas na hegemonia de algumas formulações teóricas, repõem a necessidade de agregar saberes multissituados. Uma cobrança agora insurgente de movimentos e inserções sociais reclama abrigo e reconhecimento de diversidades no interior de categorias teóricas não distanciadas, ou indiferentes ao "movimento da vida social".

Para finalizar, uma questão provocativa. Se a chamada "questão regional" permitia um encontro de pesquisadores a partir de olhares voltados para a delimitação de "problemas sociais específicos", as regras atuais da institucionalidade acadêmica e a emergência de especialidades temáticas repõem a presença de outros arranjos organizados em redes, a exemplo do programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia – INCTs, gerido pelo CNPq/MCTI. Estes, certamente, não mais pensados como comunidades regionalmente situadas, mas grupos temáticos articulados, formados por pesquisadores de diferentes regiões, que se aliam para pensar o cruzamento entre variados aportes de conhecimento.

A ênfase atual conferida a políticas de inclusão pode induzir uma lógica de abordagem tanto voltada para entender as desigualdades fundamentadas nas dimensões econômicas, como baseadas nas formas culturais também promotoras de modos de exclusão e dominação. A potência heurística do reconhecimento das diferenças culturais e econômicas sugere a importância de repertórios a serem retomados. Talvez os temas da igualdade e da diferença possam repor a "questão regional" em abordagem mais transversal, com formas de conexão menos especializadas e espacializadas, refletindo um país inserido plenamente nos processos de globalização.

Referências

Albuquerque Júnior, Durval M. (2011). *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Cortez.

Albuquerque Júnior, Durval M. (1988, 22-25 nov.). *Águas privadas movem destinos (O monopólio da água como fonte de poder no Nordeste)* [Trabalho apresentado em evento]. Seminário Nordeste o que há de novo? Natal. pp. 222-226.

Anjos, Moacir dos. (2000). Desmanche de bordas: notas sobre identidade cultural no Nordeste do Brasil. *In* H. B. De Hollanda & B. Resende (org.), *Artelatina: cultura, globalização e identidades* (pp. 45-59). Aeroplano.

Barreira, César. (1988, 22-25 nov.). A luta pela terra no sertão: o Estado como mediador [Trabalho apresentado em evento]. Seminário Nordeste o que há de novo? (pp. 234–254), Natal.

Barreira, Irlys, Côrtes, Soraya, & Lima, Jacob Carlos. (2018). A sociologia fora do eixo: diversidades regionais e campo da pós-graduação no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia, 6*(13), 76–103. https://doi.org/10.20336/rbs.259

Bin, Daniel. (2018). O global e o local na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado, 33*(2), 541–564. https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302013

Botelho, André, & Pimentel, Renan. (2023, 11-14 jul.). *Sociologia política do Nordeste. Aprendizado social e democracia* [Trabalho apresentado em evento]. 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, CP 20, "Pensamento Social", Belém. Disponível em: https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/anais/trabalhos/anais01

Bourdieu, Pierre. (1989). *O poder simbólico*. Difel.

Carvalho, Lucas C.. (2024). O Nordeste como perspectiva: o projeto "Emprego e mudança socioeconômica". *In* A. Botelho *et al.* (orgs.), *Sociologia política do Nordeste* (pp. 227–239). BVPS Coleção.

Cavalcanti, Salete Maria. (1986). *Por que se diferenciam os camponeses? O debate clássico e as condições atuais de subordinação do campesinato no Nordeste* [Artigo apresentado em evento]. Seminário Relações de Trabalho, Relações de Poder: Mudanças e Permanências (pp. 1–7), Fortaleza.

Freyre, Gilberto. (org.). (1925). *O livro do Nordeste*. Diário de Pernambuco.

Freyre, Gilberto. (1985). *Nordeste* (5. ed.). José Olympio.

Geertz, Clifford. (1989). *O saber local, novos ensaios de antropologia interpretativa*. Vozes.

Lima, Jacob, & Cortes, Soraya. (2013). Sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. *Civitas, 13*(3), 416–435. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.3.16522

Lima, Pedro Ernesto F. (2020). "Nordestinidade": narrativas de circulação, legitimação e institucionalização na arte. *Revista do Instituto de Artes Brasileiro*, (76), 3–49. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i76p34-49

Lopes, José Sérgio L. (1986). *Aspectos da formação de um grupo de trabalhadores numa fábrica com vila operária: a instituição de uma forma de dominação por meio do processo de recrutamento da força de trabalho* [Trabalho apresentado em evento]. Seminário Relações de Trabalho, Relações de Poder: Mudanças e Permanências (pp. 21–43), Fortaleza.

Martins, Carlos Benedito. (2018). Introdução à sociologia e suas interfaces com contextos local, nacional e global. *Revista Sociedade e Estado, 33*(2), 337–347. https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302002

Martins, Paulo Henrique. (1993). O regional e o nacional no imaginário desenvolvimentista brasileiro: da nostalgia oligárquica ao fim do nordeste. In T. Ximenes & F. Brusek (orgs.), *Novos Paradigmas e Realidade Brasileira* (pp. 3–16). UFPA.

Menezes, Djacir. (1937). *O outro Nordeste* (Coleção Documentos Brasileiros). Livraria José Olympio Editora.

Mills, Wright. (1969). *A imaginação sociológica*. Zahar editores.

Novaes, Regina. (1988). *O que há de novo no Nordeste? anotações acerca das relações entre recentes projetos governamentais e sindicalismo de trabalhadores rurais* [Trabalho apresentado em evento]. Seminário Nordeste: o que há de novo? (pp. 227-233), Natal.

Oliveira, Francisco de. (1977). *Elegia para uma re(li)gião*. Paz e Terra.

Oliveira, Francisco de. (1972). A economia brasileira: crítica à razão dualista. *Estudos CEBRAP*, (2), 4–40.

Palmeira, Moacir. (2000). Uma conversa sobre Ciências Sociais e Nordeste. *In* I. Barreira & A. Lemenhe (orgs.), *Além das fronteiras, região, políticas públicas e dinâmicas institucionais* (pp. 15–23). Terceira Margem.

Palmeira, Moacir. (1991). *Política, facção e compromisso: alguns significados do voto* [Artigo]. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais no Nordeste: Classes Sociais, Poder e Estado (pp. 111–130), Salvador.

Potengy, Gisélia F. (1986). *As mudanças nas relações de trabalho e o novo clientelismo do campo na Paraíba* [Artigo apresentado em evento]. Seminário Relações de Trabalho, Relações de Poder: Mudanças e Permanências (pp. 215–227), Fortaleza.

UFC – Universidade Federal do Ceará. (1986). *Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências*. Mestrado de Sociologia (UFC), Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais.

Vieira, Maria S. de A. (2000). *O sertão em movimento, a dinâmica da produção cultural*. Anablume.

Recebido em: 10 amio 2026.
Aprovado em: 10 set, 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0